

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVAS INSCRIÇÕES LUSITANO-ROMANAS DO MUSEU DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS, SINTRA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Novas inscrições lusitano-romanas do Museu de São Miguel de Odrinhas, Sintra. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 265-286.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novas inscrições lusitano-romanas do Museu de São Miguel de Odrinhas (Sintra)

Por MÁRIO CARDOZO

À memória do Prof. Dr. Joaquim Fontes.

Em 1956, a pedido do saudoso Professor Dr. Joaquim Fontes, catedrático da Universidade de Lisboa, que tão inesperadamente a morte ceifou, em plena actividade intelectual e científica, em Setembro de 1960, elaborámos o Catálogo das inscrições lapidares lusitano-romanas até então recolhidas no pequeno Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, situado na freguesia de São João das Lampas, do Concelho de Sintra, importante colecção epigráfica cuja instalação havia sido inaugurada em Junho de 1955, por iniciativa do referido Professor, então também vereador da Secção de Cultura da Câmara Municipal daquela formosa vila.

Reunimos assim, nesse ano de 56, num opúsculo de 85 páginas editado pelo Município de Sintra, as 25 epígrafes daquele Museu, 10 das quais estavam inteiramente inéditas.

Dois anos volvidos, enriquecido o Museu com mais 14 monumentos epigráficos, todos recolhidos em diversos lugares da região sintrense, novamente o Professor Joaquim Fontes, então ocupando a presidência da Câmara de Sintra, solicitou a minha modesta colaboração para fazer o estudo, interpretação e catalogação desse novo agrupamento de inscrições, das quais apenas duas já eram conhecidas e tinham sido registadas no CIL, II. Foram estas novas inscrições publicadas em 1958, na «Revista

de Guimarães», e feita uma separata em edição da Câmara Municipal de Sintra.

Decorridos mais dois anos, o Dr. Joaquim Fontes, incansável na salvaguarda das inscrições romanas dispersas por aquela região tão rica de monumentos do passado, e promovendo a sua recolha no museu que dedicadamente havia criado, mais uma vez me anunciava o aparecimento de 10 novas lápides romanas com inscrições e me pedia para proceder ao seu estudo.

Em carta que me escreveu em 1960, cerca de dois meses antes do seu inesperado falecimento, referia-se, com apaixonado entusiasmo, ao constante enriquecimento da Colecção epigráfica de Odrinhas, já tão notável, e para abrigo da qual se vira na necessidade de mandar construir uma alpendrada no terreno anexo ao edifício, a fim de recolher as novas lápides e algumas das anteriores, que já não cabiam na pequena e única sala de que o Museu dispunha. E dizia-me que, tão depressa eu tivesse feito o estudo destas inscrições mais recentes, era seu propósito editar, pela Câmara de Sintra, um Catálogo geral, que incluísse todas as epígrafes anteriormente publicadas nos opúsculos vindos a lume em 1956 e 58, juntas às que ultimamente haviam dado entrada no Museu, visto que aqueles opúsculos se encontravam inteiramente esgotados. Ao todo, abrangeria o Catálogo um total de 49 inscrições da época lusitano-romana, não contando algumas outras já dos tempos medievais, que ele também recolhera no Museu, e cujo estudo confiara ao ilustre arqueólogo Snr. Dr. D. Fernando de Almeida.

Era, sem sombra de dúvida, merecedor de todo o elogio e da mais devotada colaboração a diligente actividade do Dr. Joaquim Fontes, reunindo e salvando de inevitável ruína, ou de perda total, esses tão numerosos como interessantes e valiosos testemunhos do nosso remoto passado.

Satisfazendo portanto o desejo que este querido Amigo nos manifestara, e, já agora, por força e fatalidade do destino, como homenagem à saudosa memória de tão benemérito estudioso, publicamos hoje nesta Revista as 10 epígrafes mais recentemente entradas naquele Museu, lápides cujo estudo fizemos sobre excelentes reproduções fotográficas que de Joaquim Fontes havíamos recebido, estudo que depois completámos em

duas visitas efectuadas a Odrinhas, para observação directa destas inscrições, nove das quais estavam inéditas e apenas uma, já conhecida, havia sido estudada e lida pelo distinto arqueólogo e epigrafista Snr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira.

Na segunda daquelas visitas, deparámos ainda com uma nova inscrição (consagrada a Júpiter), da qual o Prof. Joaquim Fontes já não chegou a dar-nos notícia, e que, faltando-nos as facilidades que ele sempre pôs à nossa disposição, já não foi possível incluir neste trabalho. Estava ao ar livre, tombada no terreno que circunda o Museu.

Possui assim, por obra daquele benemérito estudioso, o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas uma das mais valiosas colecções epigráficas lusitano-romanas do nosso país, que já atinge o meio cento de exemplares.

Quase todas as inscrições têm character funerário, pois apenas quatro são dedicadas a divindades, duas das quais a *Júpiter* (com o N.º CXXXVII no Museu, e outra sem numeração, a que atrás nos referimos); uma em que o desgaste da pedra desvaneceu por completo o nome do deus ou deusa a que aludia (a N.º XIII); e, finalmente, outra (N.º CXV) consagrada a uma divindade local de nome *Mandiceus*, inédita no panteão indígena.

Existem ainda no Museu diversos monumentos tumulares, na maioria arciformes, mas que actualmente não mostram qualquer inscrição, porque os séculos ou o vandalismo dos homens as desvanecessem totalmente, ou porque nunca lhas tivessem gravado.

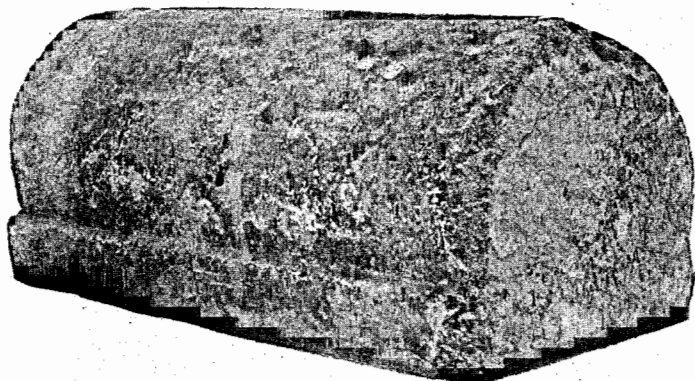
As inscrições não tiveram no Museu uma numeração seguida, isto é, sem interrupção desde o N.º 1 ao 49, pois, no decorrer da sua aquisição, outras peças diferentes que também iam dando entrada, tais como diversos capitéis, bases e remates superiores de cipos funerários, fragmentos de colunas, etc., recebiam seus números, que se intercalavam assim na numeração geral, interrompendo a sequência da numeração das inscrições. Os números que às inscrições de toda a colecção couberam foram, portanto: I a XVII, XXI, XXII, LXVI a LXXIV, LXXXV, XC, XCII a XCV, XCVII, XCVIII, CXI a CXV, CXXI a CXXIV, CXXVIII, CXXXIV, CXXXV, CXXXVII e CXXXVIII.

Há que acrescentar ainda a lápide, por numerar e por estudar, a que atrás aludimos, consagrada a Júpiter.

As inscrições desde a N.º 1 a 72 foram publicadas no primeiro Catálogo (1956); do N.º 83 a 115, com excepção da N.º 95, no Vol. LXVIII da «Revista de Guimarães», e em separata (1958); a N.º 95 e as do N.º 121 a 138 são agora dadas a lume, nesta mesma Revista.

No final deste artigo damos a lista geral dos antropónimos que figuram em toda a colecção epigráfica do Museu.

1 (XCV) (*)



M
 Δ E
 Δ N
 M E M
 I Δ A R A N T
 M A T E R F P P

[D(is)] M(anibus) / [Memmi]ae / an[n](orum)
 / Mem[m]ia Arant[a] / Mater f(iliae)
 p(ientissimae) p(osuit).

*Aos deuses Manes de Mémia..... de anos de idade.
 Sua mãe, Mémia Aranta, erigiu à filha piedosíssima.*

Monumento arciforme com inscrição no topo. Dimensões: comprimento 0,83; largura 0,50; altura 0,47. Altura das letras 5 a 6 cm. Encontrava-se colocado verticalmente junto de uma fonte, no lugar do Casal das Vivas, da freguesia de Montelavar (Concelho de Sintra). Como tinha a face com inscrição voltada

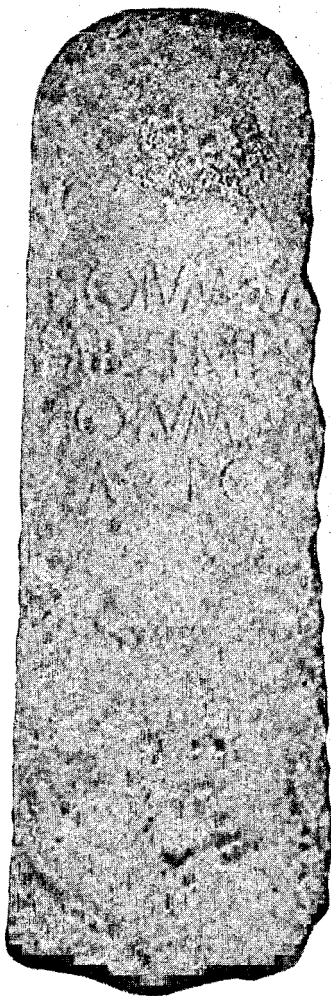
(*) Nesta inscrição e seguintes os n.^{os} em romano são os que no Museu elas receberam.

para cima, e nela habitualmente as mulheres pousavam os cântaros que enchiam de água daquela fonte, sofreu essa face da pedra um forte desgaste que, no decorrer do tempo, provocou o desaparecimento de grande parte das letras. Contudo, apesar da dificuldade da leitura, o Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, que procedeu ao estudo desta inscrição, conseguiu apresentar uma interpretação perfeitamente aceitável, que acima reproduzimos. O nome *Memmia* e o cognome *Aranta* não são raros nas inscrições da Península; o segundo já figura numa outra inscrição do Museu de Odrinhas, respeitante a uma escrava liberta, *Minucia Aranta* (Vide o Catálogo publicado em 1956, inscr. n.º XVI, p. 63).

Bibliografia:

F. Bandeira Ferreira e J. Mendes de Almeida, «Varia epigraphica», *Revista da Faculdade de Letras* de Lisboa, III série, n.º II, 1958, p. 14 ss. da Separata.

2 (CXXI)



IIOLVMI·I
 FAB·SER·H·S
 IOLVMIV
 PA·F·C

[D(iis) M(anibus)] / ...Iolumi-
 mii.... / Fab(ii) Ser(.....)
 H(ic)s(itus)e(st) / Iolumiu[s]
 / pa(ter) f(aciendum) c(uravit)

*Aos deuses Manes de Jolú-
 mio (?) Fábio (Ser... ?...),
 Aqui iax. Jolúmio, seu pai,
 erigiu este monumento.*

Estela sepulcral inédita, fracturada na parte inferior. Tem actualmente de altura de 1,^m35; largura 0,^m40 e espessura 0,^m25. Foi encontrada na parede de uma arribana pertencente a José Duarte Azinhaga, em Odrinhas.

O mau estado dos bordos da pedra, escalavrados precisamente no lugar da inscrição, dificulta a leitura desta. Na 1.^a e 3.^a linhas lê-se o nome de *Iolumius* (Jolúmio?); mas, na primeira, ainda aparece, antes do I inicial, uma outra haste vertical. Possivelmente os

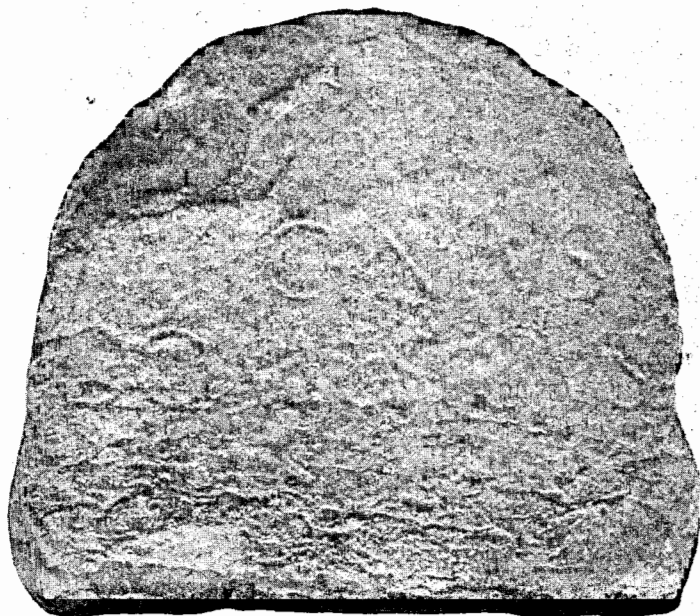
dois traços poderiam representar um N a que faltasse a linha transversal intermédia, e então teríamos *Nolumius*, pois a representação de um E (=II) não parece aqui de aceitar. Não encontramos, nos Índices do CIL, o

nome de *Iolumius*, nem *Nolumius*, mas sim *Volumnius*, este frequente.

Na 2.^a linha encontra-se a abreviatura FAB · que pode ser *Fabius*, e SER · , que pode representar o cognome de *Servianus*, *Servilianus*, *Servinus*, *Serenus*, *Serenianus*, ou qualquer outro.

As letras da inscrição apresentam a altura de 6,5 cm.

3 (CXXII)



M. LICINIUS
DOMESICVS
H . S . E

M(arcus) Licinius / Domes(t)icus / h(ic)
s(itus) e(st)

Aqui jaz Marcos Licínio Doméstico.

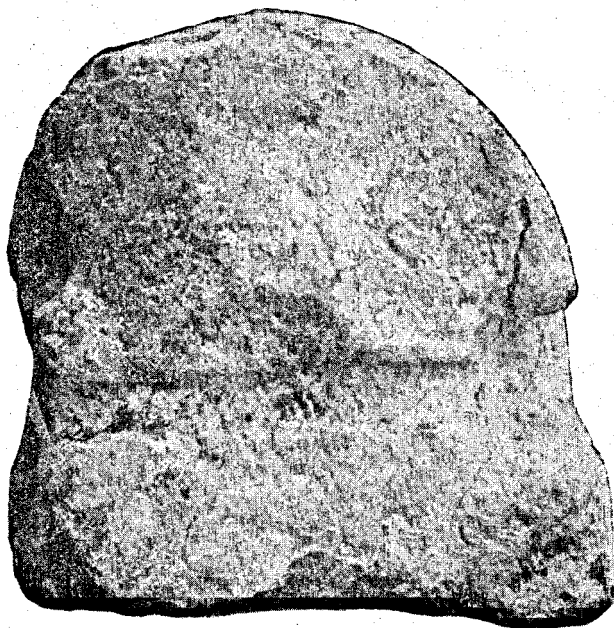
Monumento funerário em forma de arca, fracturado no sentido do comprimento, hoje apenas de 0,^m73; altura 0,47 e largura no topo, onde se encontra a inscrição, 0,^m50. Letras de 5,6 cm. de alto.

Foi encontrado na parede de uma adega de Aniceta Sapina, em Odrinhas (freguesia de São João das Lampas).

A inscrição está inédita. A 2.^a linha apresenta a palavra *Domesicus*, que pode ser o cognome *Domesticus*, a que, por lapso, se houvesse suprimido o *t*. Este cognome vem registado no CIL. II, numa inscrição de Oliva, em Caparra, antiga Lusitânia, com o n.º 847, e numa outra de Tarragona (n.º 4305). *Domesticus* no significado de «familiar, creado, escravo» é menos de aceitar aqui.

Por outro lado, é de admitir a formação do nexa do I com T, que aliás a irregularidade da face da pedra não deixa perceber.

4 (CXXIII)



I H V S C V

... Fusc[us]?

... *Fusco*

Monumento arciforme, com o comprimento de 1,^m10, a largura de 0,^m50 e altura de 0,^m45. Encontra-se muito deteriorado, com um profundo sulco no topo, onde teve gravada a inscrição, da qual apenas restam bem visíveis três letras, VSC. Parece poder ler-se o cognome *Fuscus*, já também gravado noutra inscrição do Museu (Vide Catálogo de 1956, insc. n.º XIV, p. 59).

Foi encontrado numa propriedade pertencente a António José Filipe, no lugar do Funchal da freguesia de Terragem (Concelho de Sintra), onde servia de pia, na pocilga de um porco.

5 (CXXIV)



... C I N I V S N

. . . [Li]cinius N[iger?] . . .

. . . . *Licínio (Preto?)*

Fragmento de uma inscrição, possivelmente funerária, na qual se lê apenas o nome *Licinius* incompleto, seguido de um N, talvez a letra inicial do cognome *Niger*. A pedra tem o comprimento de 0,^m30, por 0,^m15 de altura máxima. As letras, de boa forma, tem a altura de 6,5 cm. Na parte fracturada inferior, distinguem-se ainda, em caracteres menores, metade de um T, ou de um F ou E, e de um A.

O nome *Licinius* é vulgar no onomástico pessoal latino. No Museu de Odrinhas já existia, em duas lápides, N.^{os} VIII e XIV do Catálogo cit., pp. 45 e 59).

Este fragmento foi encontrado num quintal pertencente a Manuel Domingos Baleia, de Faião, freguesia de Terrugem.

6 (CXXVIII)



A E M I L I A
C . F . B O V T I A
H . S . E

Aemilia | C(aii) f(ilia) Boutia | h(ic) s(ita) e(st)

Aqui jaz Emilia Bôncia, filha de Gaio.

Monumento funerário arciforme, muito fracturado, mas deixando ainda ver, perfeitamente legível, a inscrição que tem gravada. Apresenta as seguintes dimensões: largura na base 0,^m57; comprimento 0,^m90; de altura 0,^m37. As letras tem 5 cm. de altura.

O cognome de *Boutia* já existe noutra inscrição do Museu, a N.º XCIV, publicada na «Revista de

Guimarães», em 1958 (Vol. 68, p. 364, e p. 14 da Separata).

Esta inscrição está inédita; foi encontrada, em Março de 1960, no Casal da Granja dos Serrões, durante as obras de demolição de uma casa, para alargamento da estrada entre Pero Pinheiro e Pedra Furada. Foi cedida ao Museu por José Pedro.

7 (CXXXIV)



C · IVLIVS C · F · GAL · V
 H S E
 O · CAECILIVS C · F · GAL
 H S

C(aius) Iulius C(aii) f(ilius) Gal(eria tribu)
V[...?...] | h(ic) s(itus) e(st) | [...?...]o
Caecilius C(aii) f(ilius) Gal(eria tribu) | H(ic)
[s(itus) e(st)]

Aqui jaz Gaio Júlio V(...?..), filho de Gaio, da tribo Galéria.

Aqui jaz (.....?...)o Cecílio, filho de Gaio, da tribo Galéria.

Monumento funerário dedicado a dois indivíduos: o primeiro indicado pelos *tria nomina*, Gaius Iulius V(alerianus?); o segundo apenas por dois nomes, um deles incompleto devido à fractura da pedra, distinguindo-se apenas uma letra que parece ser parte de um O.

Não seria impossível que este *O*, do começo da 3.^a linha da inscrição, representasse a abreviatura do *praenomen* Aulus (da grafia *Olus*), ou a abreviatura *PO*, de Publius (na forma arcaica *Poblius*), ou mesmo as abreviaturas *NO* e *VO*, embora respeitantes a *praenomina* menos comuns, *Novius* e *Vopiscus*.

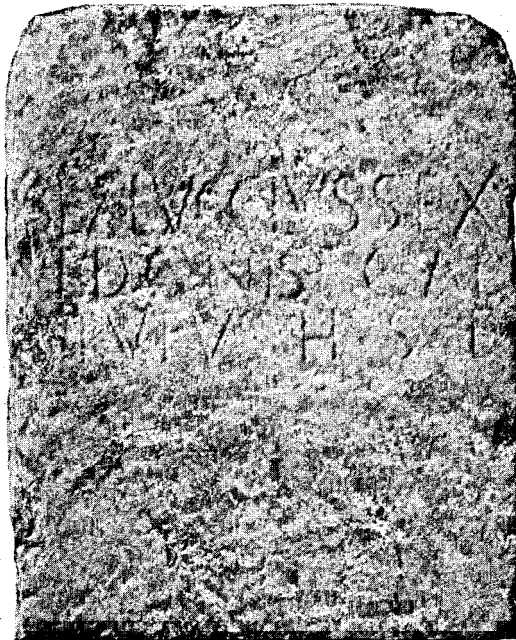
Ambos os indivíduos pertenciam à tribo Galéria, na qual estavam integrados numerosos habitantes da região, pois esta indicação aparece em diversas lápides funerárias do Museu, atribuída a outros indivíduos (Vide o que, na «Nota preliminar» do Catálogo cit., publicado em 1956, dissemos na nota 2 de p. 26, a propósito desta tribo).

A lápide está fracturada pelo meio, e apresenta as seguintes dimensões: largura, 1 m.; altura, 0,72 e espessura 0,26. As letras tem de altura 3 cm.

Foi encontrada enterrada no pátio do Casal da Granja dos Serrões, na freguesia de Montelavar, e cedida ao Museu em 1960 pelo proprietário do casal, Francisco Manuel.

A inscrição é inédita. Na abreviatura *GAL*, do nome da tribo, o *A*, gravado em tipo mais pequeno, está envolvido pela curva do *G*.

8 (CXXXV)



SEX LVCCIVS SEX
EDONIS F GAL
RVFVS H S E

*Sex(tus) Luccius Sex(ti) / [?]edonis f(ilius)
Gal(eria tribu) / Rufus h(ic) s(itus) e(st)*

*Aqui jaz Sexto Lúcio Rufo, da tribo Galéria, filho
de Sexto (Bedão?)*

Estela funerária rectangular, com as dimensões de: 1,^m26 de altura; 0,^m65 de largura e 0,^m35 de espessura média. As letras da 1.^a linha têm 7 cm. de altura, e as das linhas imediatas 6 cm.

Foi encontrada num muro do pátio do Casal da Granja dos Serrões, na freguesia de Montelavar, e cedida ao Museu por Francisco Manuel, proprietário daquele casal.

A 1.^a linha desta inscrição inédita apresenta a particularidade de o nome Lucius estar gravado com dois CC, *Luccius*. O nome *Sextus* ou *Sextius* é frequente, e já existia em duas lápides do Museu (Vide Catálogo de 1956, p. 39 e 41, inscr. N.ºs IV e V).

Na 2.^a linha, temos um antropónimo em genitivo, a que parece faltar a primeira letra. Tratar-se-á possivelmente do cognome *Bedo, onis*, registado no CIL. II, 3074, procedente de uma inscrição de Toledo, ou *Pedo, onis*, que figura numa inscrição de *Pax Iulia* (Beja), na Lusitânia (CIL. II, 53) e noutra de Salvaterra, na Bética (CIL. II, 1001). Também o *Corpus* regista, como de mulher, o cognome *Hedone*, por ex. numa inscrição de *Gades* (Cádiz), na Bética (CIL. II, 1834).

9 (CXXXVII)



LO CAVDICV
IOVI · V · S · A · LI

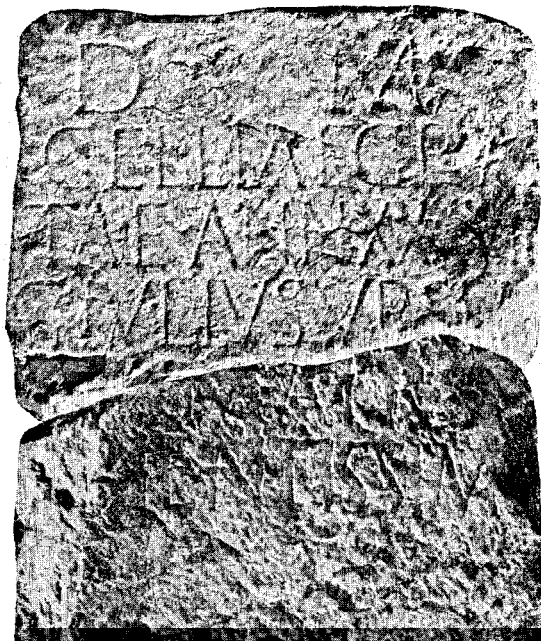
.....lo Caudicu... / Iovi (votum) s(olvit) a(nimo)
li[b(ens)]

.....lo Caudicu..... de bom grado consagrou a Júpiter este ex-voto.

Fragmento de uma lápide votiva consagrada a Júpiter, encontrado no quintal de uma casa próxima do Casal da Granja dos Serrões, na freguesia de Montelavar, cedida ao Museu por Margarida Vicente Belas, em Maio de 1960. Tem as dimensões seguintes: 0,^m40 de comprimento, por 0,^m15 de altura, por 0,^m20 de espessura. As letras têm 4,5 cm. de altura.

Esta inscrição, muito incompleta devido à grande mutilação da pedra, apresenta, na 1.^a linha, um nome curioso, de feição indígena, *Caudicus*. O CIL. II, 731, regista o gen. Caudi (de *Cadius*), numa ara procedente de *Norba*, na Lusitânia, consagrada a uma divindade de nome *Saga*.

10 (CXXXVIII-CXXXIX)



GELLIAE GRA
TAE · ANN XXXVII
G IVLIVS VP
MATR
IENTISSIM

D(iis) M(anibus) / Gelliae Gra/tae ann(or)um
XX[X]VII / G(aius) Iulius...../.....matr[i]
/ [p]ientissim/[ae] [f(aciendum) c(uravit)]

*Aos deuses Manes de Gélia Grata, falecida aos
37 anos de idade. Gaio Júlio V(.....?.....) à sua
mãe piedosíssima erigiu este monumento.*

Lápide sepulcral fracturada em duas partes, com a altura total de 1,^m15; largura de 0,^m60 e 0,^m24 de espessura. Letras de 7 cm. de altura.

Foram as duas partes desta lápide encontradas separadamente, durante as obras de reconstrução de uma arribana pertencente a Margarida Vicente Belas, na Granja dos Serrões, da Freguesia de Montelavar, Concelho de Sintra. Ao darem entrada no Museu, as duas pedras foram consideradas pertencentes a duas inscrições diferentes, e por isso recebeu cada uma seu número, respectivamente CXXXVIII e CXXXIX. Pouco depois verificou o Dr. Joaquim Fontes que se tratava de uma única inscrição fracturada em duas partes, que se ajustavam bem pela linha de fractura. Era sua intenção mandar soldar com cimento as duas pedras; entretanto a morte surpreendeu-o, e os dois fragmentos lá permanecem, ainda separados, na alpendrada do Museu, como se pertencessem a duas inscrições diferentes.

Tanto o nome *Gellia*, como o cognome *Grata* não são raros nas inscrições peninsulares.

**Lista geral dos antropónimos contidos em todas
as inscrições do Museu de Odrinhas**

Prenomes	Nomes	Cognomes
C. (<i>Caius</i>)	Aelia	Aelianus
L. (<i>Lucius</i>)	Aelius	Afer
M. (<i>Marcus</i>)	Aemilia	Amoena
Q. (<i>Quintus</i>)	Albanus	Aper
Sex. (<i>Sextus</i>)	Apronia	Aranta
T. (<i>Titus</i>)	Atilia	Arcius ou Arco
	Atilius	Avita
	Caecilia	Avitus
	Caecilius	Bedo
	Cassia	Boutia
	Caudicus	Capito
	Cominius	Celer
	Cornelius	Celsus
	Cosconius	Domesticus
	Curius	Fabius
	Fuscus	Fundanus
	Gellia	Fuscus
	Iulia	Gallio
	Iulius	Gallus
	Iunia	Grata
	Iolumius	Iulianus
	Laberia	Licinianus
	Licina	Macrinus
	Licinius	Maela
	Memmia	Materna
	Minucia	Maxima
	Minucius	Maximus
	Plotius	Niger
	Publius	Priscus
	Statius	Procula
	Terentius	Prudens
	Valeria	Quintilla
	Valerius	Reburrinus
		Reburrus
		Rufus
		Seneca
		Servanus
		Severa
		Severus
		Silvanus
		Tancinus
		Terencianus
		Tusca
		Tuscus